

## ENTREVISTA

### LINGUÍSTICA APLICADA INDISCIPLINAR

Prof. Dr. Luis Paulo da Moita Lopes (UFRJ)

Entrevista concedida a Cláudia Zilmar da Silva Conceição<sup>1</sup>



Fonte: <http://www.letas.ufrj.br/>

O Professor Luis Paulo da Moita Lopes é titular do Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada da UFRJ e Pesquisador do CNPq. É PhD em Linguística Aplicada pela Universidade de Londres. Foi presidente da Associação de Linguística Aplicada do Brasil, atuou como representante da área de Letras e Linguística no Conselho de Assesores do CNPq e como conselheiro da Associação de Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL).

Moita Lopes já publicou dez livros no Brasil de grande sucesso acadêmico (*Oficina de Linguística Aplicada, Identidades Fragmentadas, Discursos de Identidades, Identidades — Recortes Multi- e Interdisciplinares, Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar, Performances, Para além da identidade: fluxos, movimentos e trânsitos, Estudos de identidade: entre saberes e práticas, Português no século XXI: cenário geopolíti-*

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Mestrado em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II/Alagoinhas. Linha 2 — Letramento, identidade e formação de educadores. Endereço eletrônico: cauzilmar@gmail.com.

co e sociolinguístico, *Linguística Aplicada na Modernidade Recente*. Festschrift para Antonieta Celani) e um nos Estados Unidos/Inglaterra (*Global Portuguese*. Linguistic ideologies in late modernity). Publicou também, artigos em revistas científicas e capítulos de livros no Brasil, México, Estados Unidos, Holanda e Inglaterra. Atua na área de linguística aplicada, especificamente no campo das relações entre o discurso e as práticas sociais, com ênfase em estudos sobre letramentos escolares (língua estrangeira e materna) e não-escolares (midiáticos e digitais) e os processos de construção performativa do gênero, sexualidade e raça. Tem também pesquisado questões relativas à língua(gem) e globalização, principalmente no que se refere aos desafios teórico-metodológico-analíticos decorrentes.

**Conceição:** As escolhas teóricas do pesquisador demonstram as suas posições políticas. Diante das mudanças de vertentes no campo da Linguística Aplicada (LA), como o senhor, que tem contribuído com a disseminação de discussões acerca da Linguística Aplicada INdisciplinar, pondera a sua atuação nesse campo?

**Moita Lopes:** Bem, acho que fazer pesquisa no campo de estudos da linguagem — ou de fato em qualquer campo voltado para a vida social — não é diferente de construir um discurso sobre a vida social. Tal discurso está em competição com outros. Portanto, é um discurso que reflete a posição ideológica do pesquisador (como outros quaisquer!): o que prestigia como tópico de investigação e as teorias pelas quais circula são ideologicamente definidos. Como tenho dito várias vezes, fazer pesquisa não está separado de fazer política. A Linguística Aplicada INdisciplinar não se prende a / não se confina a limites disciplinares nem tampouco teóricos, metodológicos ou analíticos. Além disso, constrói como questão de investigação tópicos normalmente desprezados e considerados ilegítimos. Especialmente, interessam questões que focalizem a vida social por meio do estudo da linguagem e

práticas de significação que sejam fonte de sofrimento humano. Isso não quer dizer que é o mundo do vale tudo. Ao contrário, é um campo muito bem teorizado e fundamentado metodológica e analiticamente.

**Conceição:** Na segunda virada linguística a LA abandona a restrição de operar somente com a investigação em contextos de ensino e aprendizagem, configurando-se como instrumento de construção dos saberes e da vida social e dialogando com outras áreas do conhecimento. A partir de 1996, o senhor afirma que a linguística aplicada “é um campo das Ciências Sociais”. Dessa forma, como o senhor avalia o campo de atuação da LA nos dias atuais?

**Moita Lopes:** Exatamente, ainda no meu livro de 1996, eu já queria entender a LA como uma área das Ciências Sociais. Mas ainda a formulação era pouco madura. Isso foi sempre uma questão importante para mim porque o que sempre me interessou foram as relações entre linguagem e sociedade. Não para entender a linguagem, mas para compreender a sociedade. Só 10 anos depois, com o *Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar*, acho que tal formulação ficou mais clara, ou seja, depois de mais dez anos de estudo. [Risos]. Recentemente, vi em um texto do sociolinguista contemporâneo, Jan Blommaert, sem dúvida um dos mais interessantes pela inovação de suas ideias, a mesma preocupação em estudar a linguagem para compreender a sociedade. Alguém poderia dizer que eu seria um sociolinguista. Não tenho preocupação com os rótulos disciplinares. Ao contrário, desejo destruí-los. Em geral, são barreiras impostas por poder acadêmico que freia a inovação teórica, metodológica e analítica. Além disso, em países diferentes os mesmos trabalhos de investigação recebem rótulos disciplinares diversos. A mim interessa o que construo como objeto de investigação e os construtos teóricos, metodológicos e analíticos que se mostram potentes, independentemente de que disciplina venham, de modo a iluminar e construir minha investigação. Minha colega da

UFRJ, Branca Falabella Fabrício, recentemente publicou um capítulo, muito elogiado internacionalmente, no livro *Global Portuguese* (Routledge, 2015) que organizei, no qual ela lança mão de uma parte da teorização sobre narcisismo das pequenas diferenças de Freud. Isso é pontualmente pinçado do trabalho de Freud, o que não quer dizer que ela apoiaria toda a teorização de Freud, mas que esse momento teórico é útil para a questão que estudou, i.e., o construto de lusofonia. É assim que penso que devemos proceder. Aliás, ouvi o mesmo procedimento formulado pela filósofa Judith Butler em sua recente visita ao Brasil.

**Conceição:** A LA indisciplinar é nômade, não se enquadra nos modelos totalizantes e almeja cada vez mais romper com as limitações disciplinares. A partir disso, como o letramento indisciplinar vem quebrando paradigmas no âmbito acadêmico?

**Moita Lopes:** Acho que comecei a tratar dessa questão acima. Vejo ainda que engatinhamos nesse sentido, mas sou muito otimista. “Sonhar não custa nada”, como diz o sambista. E a universidade é o lugar da utopia. Acho que ainda, em geral, nos organizamos na academia disciplinarmente e olhamos, com o rabo do olho, aqueles que enfrentam desafios de nomadismo acadêmico. Apesar de ser relativamente bastante convidado para palestras em outros campos fora da área de estudos da linguagem, não me importo se não me convidam. Continuamente, leio em áreas fora dos estudos da linguagem que me ajudam a entender minha questão de pesquisa e assisto palestras onde quer que haja alguém falando o que me interessa: assim já fui da Engenharia de Produção até a Medicina Social, onde também já participei de bancas. As quebras são lentas, mas é assim que a academia se move. Contudo, não acho que todos devam pensar como eu.

**Conceição:** No atual estágio da globalização, em que as línguas, textos e pessoas estão em estado de mobilidade

real e virtual, como pensar essas marcas discursivas atreladas às novas mídias e às transformações decorrentes no século XXI?

**Moita Lopes:** É essencial pensarmos a questão das línguas à luz dos processos de globalização. Penso que isso é especialmente necessário se quisermos que o conhecimento que produzimos seja endereçado ao mundo em que vivemos. Não vejo sentido pensar as línguas no mundo contemporâneo sem considerar o que Milton Santos, nosso famoso geógrafo, disse sobre a centralidade da linguagem em nossos tempos. Aliás, aprendi mais sobre linguagem e globalização com Milton Santos do que com qualquer outro autor do campo dos estudos da linguagem e, de fato, bem antes de esse se tornar um grande tema internacional do chamado campo dos estudos da linguagem. E as transformações discursivas em um mundo da Multidão — como dizem Hardt & Negri — requerem atenção para a mobilidade de línguas, textos e pessoas. É exatamente nas novas mídias — pela profusão de discursos, pelos atravessamentos performativos identitários, pela natureza coletiva dos discursos ali produzidos e pelo fato de ser um lugar onde podemos experimentar performances diferentes sem sermos identificados — que as mudanças discursivas acabam por emergir.

**Conceição:** Apesar de longos anos dedicados à discussão sobre o processo de ensino e aprendizagem da LE (Língua Estrangeira), ele permanece ineficiente nas escolas públicas e restrito ao imperialismo do inglês que condiciona sua utilização na perspectiva do fetichismo que sustenta o capital. Considerando a LA indisciplinar, quais são os desafios para o ensino descolonizador?

**Moita Lopes:** Bem, primeiro esse é um movimento de descolonização não só necessário na escola pública. Ao contrário, vejo tal movimento no Brasil como muito mais intenso nas classes médias e em suas escolas, onde o inglês continua sendo ensinado como acesso às benesses capturadas nas

idas a Miami para ver o Mickey e a Minnie. A descolonização deveria começar mesmo nos processos de formação de professores de línguas. Além disso, o ensino de inglês é problemático não só na escola pública, mas nas redes de ensino em geral. Isso ocorre não só no Brasil, mas em várias partes do mundo, apesar do investimento grande que muitos países estão fazendo no ensino do que se convencionou chamar de inglês. Mas o fato é que sua aprendizagem precisa ser desvinculada de qualquer motivação imperialista ou capitalista, construindo-se uma outra ideologia linguística com base na qual se possa operar. O inglês se tornou uma língua vulgar cujos recursos semióticos não têm nada a ver com nenhum país. Aliás, vimos há alguns anos atrás (ainda disponível na Internet) como o técnico brasileiro de futebol Joel Santos, da seleção da África do Sul então, usava perfeitamente recursos semióticos (entre outros) que podem ser chamados como provenientes do inglês, o que quer que isso seja, para dar entrevistas e comandar um time de futebol. Ainda que para muita gente seu inglês fosse motivo de piada, já que essas pessoas parecem ser orientadas por um ideal classista de imitar o chamado falante nativo, a cujo enterro compareci [Risos]. Joel se comunicava muito bem. O que é um falante nativo do inglês (e de fato de qualquer "língua") talvez seja a grande interrogação a que tenhamos que responder em tempos de hibridismos linguísticos. Vivemos tempos multilíngues nos quais temos que aprender a nos pensarmos como pessoas que atravessam línguas (ou translíngues) nos virando aqui e ali para construir significado com recursos semióticos diferentes frente às alteridades que nos confrontam a todo momento. Esse é um desafio cada vez mais necessário nas redes sociais, na fruição de artefatos culturais, nos contatos cotidianos com imigrantes recentes (o que é um fato em muitas partes do mundo assim como no Brasil) etc. O ensino tem que deixar de ser monolíngue, inclusive o da chamada língua materna. É preciso criar um nível de prontidão nos alunos para o mundo translíngue que já enfrentam. Monolingüismo

é uma idealização que só vai existir, em alguns anos, em sala de aula, se não nos colocarmos, como professores, em outras perspectivas ou com base em ideologias linguísticas contemporâneas.

**Conceição:** O campo de ensino de línguas estrangeiras no Brasil tem sido vítima de uma série de mitos oriundos da falta de uma reflexão maior sobre o processo. Como desestabilizá-los na perspectiva pós-colonial?

**Moita Lopes:** O processo de formação de professores é complexo. E o de professores de “línguas”, em especial, precisa dar conta das mudanças enormes pelas quais estamos passando. Os desafios são grandes. Como desbancar o monolingüismo, entendendo-o como fruto de um processo de colonização que criou estados-nações cujos limites territoriais impunham o império de uma “língua” pelo interesse de conquistar corações e mentes? Isso atendeu às imposições colonialistas, que não fazem sentido em um mundo de fronteiras esmaecidas. Tal esmaecimento é exponencialmente aumentado pelas redes sociais. É assim que precisamos que a escola seja capaz de ser responsiva a um mundo translíngue. Os alunos, em muitos lugares, já são. Vivem vidas translíngues nas redes sociais. A prática está adiante da teoria, como diz Boaventura Santos.

**Conceição:** O letramento visto como diferença cultural tende a desconstruir as normalizações discursivas excludentes que ainda circulam no espaço escolar. Quais são os desafios para a descolonização dos discursos na perspectiva do letramento?

**Moita Lopes:** Penso que uma teorização útil do ponto de vista da descolonização para os letramentos é pensá-los como práticas sociais. Assim, letramentos são práticas que se vivem. Ninguém fica letrado por ter tomado uma injeção de letramento. Pessoas que vivem práticas sociais letradas são capazes de se envolver em tais práticas de construção de

significados por que delas participam integradas socialmente. Portanto, é um processo que antes de ser cognitivo é social. Aliás, só é cognitivo por que é social. Tal perspectiva poda na base a compreensão puramente cognitiva de letramento, que inferioriza uns em relação a outros. Os letramentos são ações sociais das que participamos, podendo tais ações envolver letramentos televisivos, computacionais, religiosos, radiofônicos, sobre práticas de agricultura etc. Todas as criança chegam à escola altamente letradas e, de fato, multiletradas. Cabe à escola incluí-las em outras práticas sociais de letramentos.

**Conceição:** Em que medida o senhor pensa que a Linguística Aplicada indisciplinar pode contribuir para os estudos em Crítica Cultural?

**Moita Lopes:** Eis uma pergunta que não me cabe responder. Mas posso dizer que os Estudos Culturais têm dado grande contribuição ao campo da Linguística Aplicada. Disso não tenho dúvida.

[Recebido: 07 set. 2015 — Aceito: 08 nov. 2015]